

## **DO PACIENTE PROTOTÍPICO AO PACIENTE AGENTIVO: UMA PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO DO PAPEL TEMÁTICO PACIENTE**

*Mariana Fagundes de Oliveira\**

**RESUMO:** O papel temático Paciente constitui objeto de estudo deste trabalho, cujos objetivos são caracterizá-lo e descrevê-lo – com base em dados de língua portuguesa, no domínio do predicador verbal, considerando o predicado global – em propriedades semânticas prototípicas e não-prototípicas, na perspectiva da Semântica Lexical e numa abordagem representacional ou mentalista. Na bibliografia sobre o assunto, o Paciente recebe definições variáveis, por vezes imprecisas. Neste estudo, é apresentada uma classificação para o Paciente, trabalhando com seis propriedades semânticas: afetado, experienciador, desencadeador, controle, intenção e causa. Desta forma, são propostos três tipos de Paciente: Paciente prototípico, Paciente experienciador e Paciente agentivo, num *continuum* que vai do Paciente mais prototípico ao Paciente menos prototípico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Paciente; Semântica Lexical; Protótipo.

### **1 Introdução**

Abordamos, neste texto, o papel temático Paciente, a partir de discussão desenvolvida em Oliveira (2009), propondo uma caracterização dessa noção em propriedades semânticas prototípicas e não prototípicas, com base em dados da língua portuguesa. Trata-se de um estudo de Semântica Lexical, numa abordagem representacional ou mentalista, trabalhando com o conceito de prototipicidade segundo Rosch (1973).

---

\* Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (Ufba). Professora da Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs).

## 2 Propriedades semânticas e o conceito de protótipo

A nossa opção é tratar o papel temático Paciente, na perspectiva da Semântica Lexical, caracterizando-o em propriedades semânticas, trabalhando com uma concepção procedimental ou processual do significado, numa abordagem bastante flexível. Para tanto, nos baseamos em Cançado (2003; 2005b), que, por sua vez, se baseia na proposta de Dowty (1989), com a diferença de que, enquanto para este autor papéis temáticos são propriedades não-discretas, agrupadas em dois macro-papéis, 'Proto-Agent' e 'Proto-Patient', referentes ao número e à qualidade de propriedades acarretadas que tem cada argumento, classificado como X ou Y, a autora prefere tratar os papéis temáticos como compostos por propriedades discretas.

Para Cançado (2003, p. 99)

O papel temático de um argumento, ou seja, o papel semântico que determinado argumento exerce em uma sentença, é definido como sendo o grupo de propriedades atribuídas a esse argumento a partir dos acarretamentos estabelecidos por toda a proposição em que esse argumento encontra-se.

Baseia-se Cançado, para definir papel temático, tanto na proposta de Dowty (1989), por decompô-los em propriedades semânticas, como na proposta de Franchi (1997), de composicionalidade, por considerar, na atribuição de papéis temáticos e na sua caracterização em propriedades semânticas, os acarretamentos estabelecidos pelo predicado como um todo.

Cançado (2003, p. 102) propõe, depois de analisar, em um processo empírico, a correlação entre as funções sintáticas e semânticas de orações do Português Brasileiro (PB) nas quais se acham os papéis temáticos mais investigados na bibliografia e analisar os acarretamentos destas orações, quatro propriedades semânticas, que são as seguintes:

- a) Desencadeador: ser o desencadeador de um processo.
- b) Afetado: ser afetado por um processo.
- c) Estativo: ser um objeto estativo.

- d) Controle: ter controle sobre um desencadeamento, processo ou estado.

São essas, segundo a autora, as propriedades semânticas fundamentais para o estabelecimento das regras de projeção da semântica na sintaxe, que é o seu propósito teórico, mas não o nosso; por isso não trataremos estas regras aqui.

Entre as propriedades apresentadas por Cançado, lançaremos mão, neste trabalho, para a caracterização do Paciente, das propriedades afetado, desencadeador e controle, deixando de fora, por motivos óbvios, a propriedade estativo, e apresentaremos ainda outras propriedades semânticas que podem fazer parte do Paciente, como a propriedade experienciador.

A formalização na descrição semântica que apresentaremos do papel temático Paciente no domínio do verbo, trabalhando com seus argumentos e adjunções, é feita, portanto, na perspectiva da Semântica Lexical, baseando-nos em Cançado. Tal formalização passa, numa abordagem representacional ou mentalista, segundo classificação de Chierchia (2003, p. 40-42) – trabalhando com o conceito de prototipicidade segundo Rosch (1973) –, por relações intuitivas; recorreremos, desta forma, não somente a conhecimentos habitualmente chamados linguísticos como também a um conjunto de conhecimentos de ordem lógica, psicológica, sociológica, enfim, numa interpretação que vai além do sistema da língua. Afinal, como afirma Silva (2006, p. 297), o significado linguístico é enciclopédico, intimamente associado ao conhecimento do mundo e, da mesma forma, baseado na experiência e no uso; para o autor “Se o significado é uma conceptualização, então inevitavelmente tem tudo a ver com a experiência humana”. E para Oliveira (1996, p. 345) “uma teoria semântica adequada ao estudo das línguas naturais tem de recorrer às intuições que constituem o núcleo dos dados empíricos relativamente aos quais a teoria semântica deve ser avaliada”. Ainda consoante a autora (1996, p. 344),

Ao fazer Semântica lingüística, é fundamental aprender a desenvolver argumentos semânticos e a explorar intuições semânticas de uma forma sistemática. No entanto, como noutras áreas da Lingüística, pode, por vezes, ocorrer alguma diversidade de juízos en-

tre os falantes de uma língua, mas isso não deve fazer esquecer o facto de que esses juízos estão inter-relacionados.

Segundo Chierchia (2003, p. 40-41), na abordagem representacional ou mentalista, “o significado é essencialmente um modo pelo qual representamos a nós mesmos o conteúdo daquilo que se diz”. E essa idéia pode ser articulada de várias formas, como em termos de imagens mentais. Segundo o autor (2003, p. 41) “a sentenças como *A Mulber Gato come uma ave* corresponde uma pequena cena mental na qual a *Mulber Gato* executa uma certa ação, e assim por diante”. Para Chierchia (2003, p. 41), “é legítimo supor que o significado de uma expressão seja a imagem mental a ela associada”.

Rosch (1973) demonstrou que os falantes tendem a classificar uniformemente, por disporem de protótipos mentais, os exemplares de um certo tipo, com base na sua prototipicidade. É a conhecida teoria dos protótipos de Rosch. Em princípio, por exemplo, nenhum de nós teria dúvida de que um canário é uma ave mais típica do que um pinguim.

O modelo de Rosch – uma maneira de ver os dados que, segundo Kleiber (1990, p. 115-116), constitui incontestavelmente um formidável avanço em Semântica Lexical – concebe os conceitos como estruturados de forma gradual.

Na categorização prototípica, existem graus, enquanto a categorização clássica ou aristotélica permite apenas dois membros, o que está dentro e o que está fora da categoria. As categorias prototípicas são, portanto, flexíveis, podendo acomodar novas categorias, na condição de membros periféricos, a uma categoria protótipo, sem acarretar uma reestruturação fundamental no sistema categorial, assegurando certa estabilidade.

Há, segundo Rosch, um membro típico ou central de uma dada categoria (por exemplo, a categoria AVE) e outros membros menos típicos ou mais periféricos. Como afirma Silva (2006, p. 300), “Uma das conseqüências mais directas da prototipicidade é a própria existência de diferenças de saliência entre os membros de uma categoria”. Assim é que, na categoria AVE, há membros mais centrais ou típicos, como canários, periquitos, papagaios, e outros mais periféricos, como pinguins. Na categoria MAMÍFERO, por exemplo, homens e macacos são elementos mais típicos do que baleias, das quais certas

propriedades assemelham-se muito a elementos da categoria PEIXE: vivem na água, têm barbatanas etc. Desta forma, a baleia pode pertencer a duas categorias, mas comumente a associamos à categoria PEIXE, por ela apresentar um maior número de propriedades desta categoria.

Não há dúvida, segundo Chierchia (2003, p. 41), de que “existe um olho da mente”, de que o significado de uma expressão possa ser a imagem mental a ela associada, ainda que, em certos casos, tal associação não esteja clara, e que a imagem mental seja passível de variação. E, segundo Cançado (2005a, p. 93-94), “evidências empíricas sugerem que o significado tem lugar não somente em um nível existente entre o mundo e as palavras, mas também no nível da representação mental.”

Nesta abordagem, nos valeremos também desse ‘olho da mente’, na caracterização, em propriedades semânticas, do Paciente, em protótipos e *continuum*, descrevendo as propriedades semânticas que nos parecem mais típicas ou centrais do Paciente e as propriedades que lhes são periféricas, num *continuum* que vai do Paciente mais prototípico ao Paciente menos prototípico.

Tratamos aqui o papel temático Paciente como representação mental, sob uma ótica semântica, como Jackendoff (1990), por exemplo; a sintaxe gerativa, por outro lado, prefere tratar os papéis temáticos numa perspectiva puramente estrutural, não considerando seu conteúdo semântico, tão somente a atribuição dos papéis temáticos aos argumentos.

Antes de passarmos à próxima seção, destacaremos aqui um aspecto: assumimos, neste texto, que, se pode ser verdade, como afirma Chafe (1979, p. 97), que, na determinação dos papéis temáticos, “A influência semântica do verbo é dominante, estendendo-se sobre os nomes subordinados que o acompanham” – afinal, como afirma Cançado (2003, p. 102), é possível relacionar as propriedades desencadeador, afetado e estativo às três grandes categorias semânticas, ações/causações, processos e estados, e também, por exemplo, é geralmente com verbos de ação/atividade e de processo que ocorrem o Agente e o Paciente –, é verdade que não é o verbo sozinho que determina as relações temáti-

cas na predicação, mas, tanto no que se refere ao argumento externo como no que se refere ao argumento interno, a composição global do predicado ou a expressão predicadora.

### 3 O paciente em um *continuum*

As definições apresentadas para o Paciente não são muito precisas na bibliografia consultada; de modo geral, as definições aí apresentadas para os papéis temáticos são variáveis e frequentemente intuitivas, o que não é de estranhar-se, tendo em vista a natureza semântica do fenômeno, o que também pode justificar que, no tratamento dessa questão, a componente formal tenha sempre sido mais desenvolvida do que a componente conceitual. Mas, não por serem noções intuitivas, os papéis temáticos deixam de ter importância nas línguas, pois o seu conteúdo semântico restringe e/ou ordena a estrutura sintática das orações.

É somente uma a propriedade semântica que nos parece essencial do Paciente: a propriedade afetado, que, segundo Cançado (2005b, p. 34), implica sempre mudança de um estado A para um estado B, podendo, segundo a autora, ser mudança de estado físico, mudança de estado de vida, mudança de estado psicológico, mudança de posses, mudança de lugares, mudanças em geral. Trabalhamos aqui com um conceito mais restritivo de afetamento: para nós a propriedade afetado pode abarcar apenas dois tipos de mudança: mudança de estado físico (que inclui mudança de estado de vida), de natureza concreta, e mudança de estado psicológico, de natureza abstrata.

Quando pensamos na noção de Paciente, pensamos em algo, em um inanimado que sofre mudança de estado físico, mudança de natureza concreta, ou que resulta de uma ação/atividade ou de um processo, sofrendo também mudança de estado físico, como uma casa, que é construída, resultando de uma ação/atividade, ou um milho, que vai crescendo, por exemplo, resultando de um processo. Essa é a imagem que fazemos do Paciente prototípico: algo, um inanimado, inativo, passivo, que muda de estado físico ou resulta de uma ação/atividade ou de um processo.

Eis a formalização que propomos para o Paciente prototípico:

(I) Paciente prototípico → [afetado]

O Paciente prototípico parece ter seu lugar sobretudo em orações transitivas prototípicas, havendo um sujeito Agente intencional e um objeto direto Paciente.

Vejam, na sequência, orações nas quais se encontram em destaque Pacientes prototípicos:

(1) João atirou *contra o espelho*.

CONTRA O ESPELHO: Paciente → [afetado]

Função sintática: Objeto oblíquo (passivo)

*Atirar*: Verbo transitivo de ação/atividade

Voz verbal: Ativa

(2) João construiu *uma casa*.

CASA: Paciente → [afetado]

Função sintática: Objeto direto

*Construir*: Verbo transitivo de ação/atividade

Voz verbal: Ativa

(3) *O milho* cresceu.

MILHO: Paciente → [afetado]

Função sintática: Sujeito

*Crescer*: Verbo intransitivo de processo

Voz verbal: Ativa

Nas orações (1) e (2), destacamos argumentos inanimados, concretos, que são afetados pela ação/atividade de um Agente intencional, mudando de estado físico, como em (1), ou resultando de uma ação/atividade, como em (2). Em (3), o Paciente resulta de um processo, também mudando de estado físico, de um instante a outro. O Paciente, seja inanimado ou animado, quando resulta de um processo, em geral se configura sintaticamente como sujeito.

Nas orações abaixo, os argumentos em destaque são Pacientes, na nossa análise, não-prototípicos, porque são Pacientes animados, que sempre nos parecem ter, na sua constituição, a propriedade experienciador, sofrendo mudança de estado psicológico, de natureza abstrata:

(4) *João* felizmente sarou.

JOÃO: Paciente → [afetado, experienciador]

Função sintática: Sujeito

*Sarar*: Verbo intransitivo de processo

Voz verbal: Ativa

(5) O primo machucou *João*, com a faca.

JOÃO: Paciente → [afetado, experienciador]

Função sintática: Objeto direto

*Machucar*: Verbo de ação/atividade

Voz verbal: Ativa

Parece-nos possível dizer que todo Paciente animado é sempre experienciador, enquanto os Pacientes inanimados, que consideramos prototípicos, não o são; estes sofrem sempre e apenas afetamento físico, de natureza concreta, não de natureza psicológica, abstrata, como aquele. Vamos propor, então, a seguinte formalização:

(II) Paciente animado → [afetado, experienciador]

Ou seja:

(III) Paciente animado = Paciente não-prototípico

O Paciente animado nem sempre sofre mudança de estado psicológico e de estado físico ao mesmo tempo, como nas orações (4) e (5). É possível que o afetamento seja apenas de natureza psicológica, como na oração abaixo, configurando-se um Paciente ainda menos prototípico, na nossa concepção:

(6) O anúncio de greve na empresa preocupou João.

JOÃO: Paciente → [afetado, experienciador]

Função sintática: Objeto direto

*Preocupar*: Verbo transitivo de processo

Voz verbal: Ativa

Chamamos aos argumentos destacados em (4), (5) e (6) de Pacientes experienciadores, e podemos chamar ainda, mas não é a nossa opção, ao argumento destacado em (6), que sofre apenas mudança de estado psicológico, de Experienciador afetado. Segundo Cançado (1995, p. 114-115), “No sentido estrito do termo, “Experienciador”, portanto, é uma etiqueta que recobre diferentes papéis temáticos, reunidos por terem um traço comum.” O tratamento dos papéis temáticos em propriedades semânticas favorece uma maior flexibilidade na atribuição de papéis temáticos, o que consideramos mais realista e também vantajoso para a descrição.

Em (3) e (4), temos um sujeito Paciente na voz ativa, sendo o verbo de processo. Mas também é possível haver sujeito Paciente na voz ativa, sendo o verbo de ação/atividade, como em:

(7) Jogador operou joelho.

JOGADOR: Paciente → [afetado, experienciador]

Função sintática: Sujeito

*Operar*: Verbo transitivo de ação/atividade

Voz verbal: Ativa

(8) Maria cortou o cabelo num bom salão.

MARIA: Paciente → [afetado, experienciador]

Função sintática: Sujeito

*Cortar*: Verbo transitivo de ação/atividade

Voz verbal: Ativa

Em (8), construção típica do PB, como observa Ilari (2008, p. 132), o *jogador*, na verdade, é afetado, física e psicologicamente, pela ação/atividade expressa pelo verbo *operar*, e o Agente da operação está indeterminado, o que equivale a dizer:

(9) Jogador foi operado do joelho.

E, em relação à oração (8), Maria não cortou o próprio cabelo, mas foi a um bom salão para que alguém o cortasse; *Maria* é Paciente – tendo sofrido mudança de estado físico e psicológico –, não Agente no evento descrito. A oração (8) equivale a:

(10) O cabelo de Maria foi cortado num bom salão.

As propriedades desencadeador, controle, intenção e causa – propriedades que consideramos prototípicas do Agente (OLIVEIRA, 2009) – podem, ocasionalmente, fazer parte do Paciente, um Paciente agentivo, o tipo de Paciente que consideramos o menos prototípico de todos, como nas orações que seguem:

(11) *Maria* recebeu o anel de João.

MARIA: Paciente → [afetado, experienciador, desencadeador, controle, intenção, causa]

Função sintática: Sujeito

*Receber*: Verbo transitivo de processo

Voz verbal: Ativa

(12) José deu os livros *a João*.

JOÃO: Paciente → [afetado, experienciador, desencadeador, controle, intenção, causa]

Função sintática: Objeto indireto

*Presentear*: Verbo transitivo de ação/atividade

Voz verbal: Ativa

Os Pacientes agentivos ocorrem normalmente com verbos do tipo *dar* ou *receber*, que selecionam um argumento ‘destinatário’. Mas também em orações como:

(13) O professor correu *o garoto atrevido* para fora da sala.

GAROTO: Paciente → [afetado, experienciador, desencadeador, controle, intenção, causa]

Função sintática: Objeto direto

*Correr*: Verbo transitivo de ação/atividade

Voz verbal: Ativa

Orações como (13) são, segundo Cançado (2005b, p. 30), comuns no PB coloquial.

Em resumo, são essas as propriedades semânticas que propomos para a caracterização do Paciente: afetado, experienciador, desencadeador, controle, intenção e causa, sendo que a primeira delas é a propriedade essencial do Paciente, e a segunda, em se tratando de Paciente animado, está sempre associada à propriedade afetado, como achamos ser verdadeiro. As quatro últimas propriedades aí listadas só participam ocasionalmente da composição do Paciente.

Apresentamos, abaixo, um *continuum* de propriedades na caracterização do Paciente, que vai das propriedades mais prototípicas, à esquerda, às propriedades menos prototípicas, à direita:

(IV) PACIENTE

→

Afetado, experienciador, desencadeador, controle, intenção, causa

.....(+). . . . . (-). . . . .

Paciente    Paciente    Paciente agentivo

prototípico experienciador

No ponto em que a propriedade experienciador passa a fazer parte do Paciente, configura-se um Paciente experienciador; o Paciente experienciador, sempre animado, que muda de estado psicológico, é, na nossa análise, menos prototípico do que o Paciente inanimado, que sofre apenas mudança de estado físico. No ponto em que a propriedade

desencadeador passa a fazer parte do Paciente, começa a configurar-se o Paciente menos prototípico de todos, passando pelo controle, intenção, causa, tornando-se um Paciente agentivo, e, na condição de Paciente agentivo, portanto animado, apresenta também a propriedade experienciador. Quanto mais o Paciente apresenta as propriedades à direita do *continuum*, menos prototípico ele é.

Quanto às configurações sintáticas do Paciente, na voz ativa o Paciente é o argumento interno, com função de objeto direto, ou objeto indireto, ou objeto oblíquo (passivo), ou o argumento externo, o que contraria a descrição da Gramática Tradicional (GT), segundo a qual na voz ativa o sujeito é sempre Agente.

O Paciente também pode ser o sujeito de orações na voz passiva, que, segundo Pessoa (1989, p. 220), são bem menos frequentes em textos reais do português do que as orações ativas; as passivas, na verdade, segundo a autora, contrariam a tendência estatística de o Agente ocupar a posição de sujeito da oração:

(14) *O chão* foi varrido por Maria.

Da mesma forma que, em orações com verbo na voz ativa, o sujeito pode não ser Agente, também em orações com verbo na voz passiva, o sujeito pode não ser Paciente, como em:

(15) *Os livros* foram requisitados por João.

em que *os livros* é Objeto Estativo.

O Paciente pode, ainda, ser o sujeito de orações na voz média (dinâmica):

(16) *Maria*, distraída, machucou-se com o alfinete.

O Paciente, da mesma forma, pode ser o sujeito de orações com verbo copulativo:

(17) *Maria* ficou muito ferida no acidente.

Camacho (2002) classifica as construções com verbo copulativo, como (17), como construções de voz adjetival, classificação que adotamos neste trabalho.

Encontra-se o Paciente também em construções ergativas, como resultado do alcance do objeto Paciente da construção causativa à posição de sujeito, sendo conser-

vada a mesma relação temática com o verbo – a alteração aqui, tal como na construção passiva, efetua-se no nível das funções sintáticas, não semânticas – e não havendo a lexicalização do argumento externo:

(18) *O vaso* quebrou.

Pode o Paciente ser também um adjunto adverbial (comitativo), como, por exemplo, em:

(19) Os lençóis foram lavados *com as blusas*.

O Paciente ocorre, normalmente, com verbos de ação/atividade e com verbos de processo. O sujeito Paciente na voz ativa ocorre, normalmente, com verbos de processo, mas pode ocorrer com verbos de ação/atividade. O Paciente também pode, ocasionalmente, na função sintática de sujeito ou de objeto direto, ocorrer com verbos de estado, em construções como (20) e (21), abaixo:

(20) *João* aguardou o médico durante muito tempo.

(21) Começou a haver *relâmpagos*, toda noite, na cidade.

Normalmente se acharia estranho que um Paciente ocorra com verbo de estado, já que o Paciente é aquele que é afetado, e afetamento pressupõe mudança, enquanto estado, na conceituação tradicional, não envolve afetamento nem causação, mas condição ou alguma coisa que subsiste. Mas aqui trabalhamos com um conceito diferenciado de estado, que, para nós, pode envolver afetamento, em exemplos como (20) e (21), acima. Na nossa interpretação, parece claro que, em (20), *João* é afetado psicologicamente, um Paciente experienciador, mesmo o verbo sendo de estado. Em (21), *relâmpagos*, que resulta de um processo, é um Paciente prototípico, numa oração em que o verbo principal da locução é o verbo *haver*, um verbo de estado.

A título de exemplo, a versão passiva de (20) mostra que, da mesma forma que há orações passivas sem sujeito Paciente, também pode haver orações passivas com agente da passiva Paciente (por mais estranho que seja dizer agente da passiva Paciente!). Vejamos:

(22) O médico foi aguardado durante muito tempo *por João*.

#### 4 Concluindo

Poderíamos simplesmente pensar a noção semântica de Paciente, em termos de afetamento. Mas o tratamento desse papel temático pode ser mais complexo, envolvendo uma série de propriedades semânticas que dele acabam por fazer parte, em diferentes contextos de frase, considerando o tipo semântico do verbo e a ideia de composicionalidade. Nessa perspectiva, trabalhando com o Paciente constituído por propriedades semânticas e lançando mão do conceito de prototipicidade, classificamo-lo em: Paciente prototípico, Paciente experienciador e Paciente agentivo. Essa é a nossa proposta.

#### FROM PROTOTYPICAL PATIENT TO THE AGENTIVE PATIENT: A PROPOSAL FOR CLASSIFICATION OF THEMATIC ROLE OF PATIENT

**ABSTRACT:** The thematic role of Patient is the target of this study of whose objectives are characterize it – based on the given Portuguese language in the domain of the verb, considering the global predicate – in prototypical and non prototypical semantic properties, in the perspective of Lexical Semantic and a representational approach or mentalist. In the bibliography on the subject, the Patient receive variable definitions, sometimes inaccurate. In the study, is presented in one classification for Patient, working with six semantic properties: affected, experiencer, trigger, control, intention and cause. In this form, is proposed three types of Patient: prototypical Patient, experiencer Patient and agentive Patient, in the *continuum* that goes from Patient more prototypical goes to the Patient less prototypical.

**KEYWORDS:** Lexical Semantic; Patient; Prototypes.

#### REFERÊNCIAS

- CAMACHO, Roberto Gomes. Construções de voz. In: ABAURRE, Maria Bernadete;
- CANÇADO, Márcia. *Verbos psicológicos: a relevância dos papéis temáticos vistos sob a ótica de uma semântica representacional*. Tese de Doutorado em Linguística. UNICAMP, Campinas, 1995.
- CANÇADO, Márcia. Um estatuto teórico para os papéis temáticos. In: MÜLLER, Ana Lúcia; NEGRÃO, Esmeraldo; FOLTRAN, Maria José (Org.). *Semântica formal*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 95-124

CANÇADO, Márcia. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005a.

CANÇADO, Márcia. Posições argumentais e propriedades semânticas. *D.E.L.T.A.*, v. 21, n. 1, 2005b. p. 23-56.

CHAFE, Wallace. *Significado e estrutura lingüística*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.

CHIERCHIA, Genaro. *Semântica*. Campinas/Londrina: UNICAMP/Eduel, 2003.

DOWTY, David. On the semantic content of the notion of Thematic Role. In: Chierchia, Partee e Turner (Ed.). *Properties, types and meaning. Studies in Linguistic and Philosophy*, 2: Semantic Issues. Daordrecht: Kluver, 1989. p. 69-129.

FRANCHI, Carlos. Predicação. Manuscrito publicado em Cançado, Márcia (Org.). Predicação, relações semânticas e papéis temáticos: Anotações de Carlos Franchi. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 11, n. 2, 1997. p. 17-81.

ILARI, Rodolfo. *Introdução à semântica: brincando com a gramática*. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

JACKENDOFF, Ray. *Semantic structures*. Cambridge: MIT Press, 1990.

KLEIBER, Georges. *La sémantique du prototype: catégories et sens lexical*. Paris: Puf, 1990.

OLIVEIRA, Fátima. Semântica. In: FARIA, Isabel Hub; PEDRO, Emília Ribeiro; DUARTE, Inês; GOUVEIA, Carlos (Org.). *Introdução à linguística geral e portuguesa*. 2 ed. Lisboa: Caminho, 1996. p. 333-379.

OLIVEIRA, Mariana Fagundes de. *O Agente e o Paciente em língua portuguesa: caracterização em propriedades semânticas e estudo diacrônico*. Tese de Doutorado em Linguística. UFBA, Salvador, 2009.

ROSCH, Eleonor. Natural categories. *Cognitive Psychology*, v. 4, 1973. p. 328-359.

SILVA, Augusto Soares da. *O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição*. Coimbra: Almedina, 2006.

Recebido em 05/09/2015.  
Aprovado em 17/11/2015.